

A AFETIVIDADE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: A TEORIA DAS EMOÇÕES NO ARCABOUÇO FILOSÓFICO DO SOCIOCONSTRUCIONISMO

Diego Abreu¹

RESUMO: O presente trabalho possui um objetivo fulcral: apresentar as concepções de emoção defendidas no seio da corrente filosófica e teórica do socioconstrucionismo. Essa escola de pensamento ganhou força ao longo do século XX, a partir do encontro e do diálogo de duas tendências: a virada discursiva capitaneada pelas obras de Wittgenstein e a concepção de mundo pós-moderna, insurgente contra o essencialismo e o objetivismo da Modernidade. Duas são ideias basilares dessa linha teórica: o entendimento acerca do caráter coletivo e socializado dos nossos processos psicológicos e a percepção de que o desenvolvimento da mente humana se dá não de forma meramente biológica, mas a partir do contato com outros seres humanos em meio a um espaço cultural estabelecido. Com o intuito de entabular essa revisão, em primeiro lugar, trago uma breve discussão acerca dos pilares filosóficos e conceituais do pensar socioconstrucionista. Em seguida, apresento a concepção teórica hegemônica acerca das emoções no arcabouço teórico de tal movimento, iluminando uma corrente de pensamento dentro da escola socioconstrucionista denominada de tese do construcionismo social. Em um momento posterior, apresento algumas das críticas direcionadas ao modelo socioconstrucionista das emoções, explicitando suas limitações e problemas. Por fim, elaboro algumas reflexões, organizadas como considerações finais, acerca da pesquisa registrada neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria das Emoções. Afetividade. Socioconstrucionismo.

1. INTRODUÇÃO

Estigmatizada e esculpida pela filosofia moderna como um resto de animalidade no comportamento do ser humano, as emoções amargaram séculos de secundarização e escanteamento no pensamento do ocidente. Tamanho desprestígio encontrou uma inflexão reversiva a partir de meados do século

1 Graduado em Letras (com habilitação em Português e Inglês) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Doutor em Estudos da Linguagem pela mesma Instituição. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal do Maranhão – Campus Codó. Professor do Programa da Especialização em Língua Inglesa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Contato: diegocurciodeabreu@gmail.com

XX, momento em que uma série de pensadores, oriundos de diferentes escolas teóricas e filosóficas, passou a olhar para esse fenômeno de forma mais atenta, buscando captar suas especificidades e notas a partir de aparatos conceituais mais sutis do que o esquema moderno que qualificava as emoções como movimentos automáticos do corpo. Pavlenko (2013), autora com uma vasta obra dedicada ao estudo do pensamento ocidental acerca dos afetos, denominou esse movimento de reaproximação entre a intelectualidade ocidental e o universo da afetividade de Virada Afetiva.

Dentre as instâncias de pensamento que intentaram olhar para as emoções de forma mais cuidadosa ao longo do século XX, especialmente no terreno da psicologia, destaca-se o socioconstrucionismo, movimento teórico multidisciplinar que parte de um conjunto específico de preceitos e ideias acerca da estrutura e do modo de funcionamento da mente humana. Para os construcionistas sociais, nossas ideias, nossa imaginação, nossas memórias e, em especial, nossas emoções emergem como produto do plexo de constrangimentos e afluxos culturais, sociais, discursivos e simbólicos aos quais somos submetidos dentro de um determinado espaço de interação.

À luz desse conjunto de balizamentos teóricos que norteiam a visão construcionista social que os elementos afetivos são conformados no seio do pensamento defendido por essa escola. Em vez de produtos do processamento intelectual de situações ou de manifestações biológicas do nosso corpo, as paixões são preconizadas pelos socioconstrucionistas como edificações discursivas ou performáticas realizadas a partir do contato social do sujeito em um dado meio e a partir de uma dada trajetória histórica.

Este estudo emerge como uma revisão crítica da literatura do construcionismo social e possui um objetivo fulcral: apresentar as concepções de emoção defendidas no seio da corrente filosófica e teórica do socioconstrucionismo. Com esse fito em mente, ele foi desenvolvido em duas etapas. Primeiramente, foi realizada uma leitura atenta e detalhada de um conjunto de autores vinculados ao pensamento construcionista social, com o intuito de angariar seus entendimentos acerca da esfinge em tela. Em seguida, foram iluminados os problemas e críticas direcionados ao quadro teórico em questão, explicitando as lacunas inerentes ao modelo teórico propalado.

Com base na discussão teórica e no esboço metodológico trazido nos parágrafos anteriores, o presente artigo se organiza em cinco momentos. Após esta introdução apresento laconicamente as bases da filosofia socioconstrucionista e comparando-a com algumas linhas conceituais concorrentes. Logo adiante, apresento uma visão panorâmica dos distintos esquemas teóricos a respeito das emoções no campo do construcionismo social. Em seguida, discuto algumas das críticas direcionadas contra essa linha de pensamento, explicitando os pontos atacados e a legitimidade das tentativas de refutação. Por fim, trago algumas considerações finais acerca da pesquisa registrada neste escrito.

2. O SOCIOCONSTRUCIONISMO COMO VISÃO DE MUNDO E INDIVÍDUO: FUNDAMENTOS E DESDOBRAMENTOS

Quando nos referimos ao socioconstrucionismo, falamos de uma perspectiva filosófica de grande abrangência, que, apesar de estar assentada em um conjunto de preceitos fundadores, é detentora de uma série de nuances e complexidades. Portanto, antes de mergulharmos na visão defendida pelos pensadores socioconstrucionistas acerca do objeto das emoções, é preciso descortinar esse arcabouço de conceitos e ideias que forma o alicerce da referida escola teórica.

Conforme explicitado por Harré (1998: 27), o ideário do socioconstrucionismo repousa no seio de dois princípios basilares. O primeiro deles é sintetizado na seguinte diretriz: “os seres humanos adquirem suas características psicológicas tipicamente humanas, poderes e tendências em interações ‘*simbióticas*’² com outros seres humanos” (HARRÉ, 1998). A respeito de tal pilar, torna-se evidente o seu distanciamento em relação aos pressupostos centrais de outras áreas da psicologia – como a psicologia cognitiva (ARNOLD, 1960) ou a psicologia comportamental (SKINNER, 1953). Para esses campos, o meio social, político e cultural em que o indivíduo se encontra tende a exercer apenas o papel periférico de disponibilizador de insumos e repertórios para o desenvolvimento das capacidades humanas - universais e inatas. Em oposição a esse entendimento, a teoria socioconstrucionista não nega o alicerce inato e biológico da mente humana. No entanto, os socioconstrucionistas entendem que a plenitude do desenvolvimento do indivíduo (sua humanização no sentido mais elevado) ocorre no bojo do seu contato com as instâncias sociais e culturais que o envolvem e o constituem como um ser eminentemente social.

O segundo princípio fundador da visão socioconstrucionista de mundo, conforme entabulada por Harré (1998: 29), preconiza que “os processos psicológicos dos seres humanos maduros são essencialmente coletivos e contingencialmente privados e individualizados.” Mais uma vez, esse pressuposto do construcionismo social diverge frontalmente dos modelos de inteligibilidade cognitivista (SOLOMON, 2003) e comportamentalista (SKINNER, 1953). Estes invertem o mandamento edificado por Harré (1998), entendendo a atividade psicológica como um ato inerentemente individual e eventualmente construído de maneira social. O emprego do termo coletivo deve ser higienizado de interpretações vulgarizantes. Naturalmente, o que se entende por coletivo no seio dessa tradição teórica não representa alguma forma de consciência social unívoca e onipresente ou algum esoterismo comunitário característico de algumas vertentes menos ortodoxas do marxismo (FROMM, 1969). Pensado em termos lacônicos, o termo coletivo está ancorado na herança vygotskiana e em sua reflexão teórica acerca da inter-relação inerente entre as funções

2 Grifo do autor.

mentais superiores, a dinâmica dos processos socio-históricos balizadores da vida humana e a linguagem enquanto elemento de mediação e articulação entre o âmbito socialmente compartilhado da vida humana e a intimidade intrapsíquica da nossa mente. Dessa forma, o caráter intrinsecamente social da psicologia humana reside no próprio processo de desenvolvimento do indivíduo, tendo como marco transicional o salto qualitativo pelo qual as funções mentais superiores do indivíduo são impingidas a partir da aquisição da linguagem (VYGOTSKY, 2001).

Sintetizado o horizonte de preceitos orientadores da visão socioconstrucionista de mundo e realidade, apresento, na seção subsequente, os fundamentos comuns das diferentes teorias das emoções erigidas por autores afiliados à escola do socioconstrucionismo.

3. ENTRE A DEMIURGIA DAS PALAVRAS E O PODER DA SUBJETIVIDADE: AS EMOÇÕES NA TRADIÇÃO SOCIOCONSTRUCIONISTA

Diversas e múltiplas são as teorizações acerca do fenômeno das emoções, que, *mutatis mutandis*, perfazem e se assentam sobre os dois princípios explicitados na seção anterior (BELLI, 2009; REZENDE; COELHO, 2010; LUPTON, 1998; WETHERELL, 1998). Como fito de racionalizar e organizar a discussão teórica ambicionada neste artigo, ancore-me no recorte histórico e catedrático proposto por Lupton (1998). Este, além de abarcar os trabalhos referidos acerca da temática dos afetos, os entabula de modo representativo, permitindo-nos perceber a linha teórica que orienta a afiliação de cada um deles ao pensamento socioconstrucionista.

Em sua categorização, Lupton (1998: 15) erige um contínuo inflexivo das proposições acerca das emoções orientadas pelo aporte do construcionismo social, polarizando nesse contínuo duas visões, denominadas pela autora de tese forte e fraca do socioconstrucionismo. Para o polo fraco da tese construcionista, inclinam-se autores que comungam com uma posição mais branda em relação ao papel das instâncias sociais, históricas e culturais na construção das emoções em detrimento de nossa herança natural. Mesmo concedendo um protagonismo maior a esses fatores na constituição das emoções, autores vinculados à tese construcionista fraca tendem a aceitar a existência de um compêndio de emoções basilares, sobre as quais, a partir de processos de interação social, outras emoções são construídas.

No outro polo do contínuo, pensadores partidários da tese construcionista social forte entendem as emoções como “um produto irredutivelmente sociocultural, totalmente aprendido e construído através de aculturação” (LUPTON, 1998: 15). Um dos motes centrais dessa corrente é o direcionamento

do olhar do estudioso para o discurso corriqueiro dos indivíduos acerca dos fenômenos psicológicos, conferindo um poder demiúrgico à fala do sujeito acerca de seus afetos. Nesse sentido, a percepção humana a respeito dos eventos psíquicos que nos acometem se constitui em uma dinâmica de intersubjetividade, na qual emoções e outras funções mentais não são entendidas como manifestações epidérmicas de dispositivos cognitivos abstratos, mas como construções que têm como insumo tanto as percepções psicológicas de mudanças fisiológicas subjetivas como as vicissitudes da prática discursiva. Na presente revisão, devido ao seu enfoque nas teorias das emoções erigidas no marco do socioconstrucionismo, dedico-me a expor algumas das concepções de afetividade inscritas na tese do construcionismo social forte.

Em um dos flancos mais radicais da teoria construcionista social das emoções, encontram-se autores interessados em investigar os afetos pelas lentes da antropologia cultural (LUTZ, 1988; REZENDE; COELHO, 2010). Esses teóricos se ancoram nos pressupostos da etnografia, visando a estabelecer comparações transculturais acerca dos processos de construção e estabelecimento de práticas afetivas e comportamentos emocionados em diferentes culturas. Uma das grandes contribuições para os estudos das emoções apresentada pelos antropólogos culturais reside apresentação de dados empíricos, gerados em distintas comunidades, que funcionam como alicerce para a problematização da hipótese universalista das emoções.

Em um trabalho seminal, Lutz (1988) desenvolveu uma pesquisa etnográfica na comunidade do povo *Ifaluk* e, através de uma descrição rica em detalhes e sutilezas, teceu um elo, de coerência irrefutável, entre as teorias da emoção hegemônicas na comunidade *Ifaluk* e as especificidades de seu modo de vida. Os afetos experienciados (e, posteriormente reconstruídos em discurso) pelos *Ifaluk* (como *Fago* e *Song*) apresentaram uma configuração intangenciável fora do contexto sociocultural do arquipélago, evidenciando a inerente e inexorável relação entre a experiência emotiva e o terreno sociocultural dentro do qual essa emoção ganha cores e contornos de realidade.

Além dos antropólogos culturais, outros autores buscam confrontar a hipótese do universalismo das emoções em outras frentes, voltando seus olhares não para as variações geográfico-culturais, mas para a trajetória de mudanças e particularidades das emoções ao longo de um determinado percurso histórico. No que tange à essa corrente, o nome de Stearns (1995) desponta como referência. O autor investigou as diferentes configurações do sofrimento em distintos períodos históricos na Inglaterra, ressaltando as linhas de correlação e retroalimentação entre os eventos e efemérides históricas de relevo em um dado cenário político, social e cultural e a forma como os indivíduos inseridos nesse quadro percebem e, mais importante, vivem o sofrimento humano. Na mesma vereda, a obra de Badinter (1985) buscou explicitar a teia de conexões e interdependências que impingem as mulheres ao amor materno e como tal sistema é balizado historicamente pela dinâmica das distintas sociedades. Tanto

os antropólogos culturais quanto os historiadores sociais fornecem elementos importantes para a teoria construcionista social em seu afã de desconstruir a hipótese do essencialismo e da universalidade inerente das emoções. Mais do que isso, ambas as correntes intelectuais nutrem o pensamento sobre as emoções de uma fartura de dados e documentos que evidenciam o caráter socialmente instituído da afetividade humana.

Ainda em um flanco socialmente inclinado (forte) da concepção socioconstrucionista acerca das emoções, encontramos o estruturalismo, que olha para os afetos a partir de uma perspectiva eminentemente social, buscando entender na estrutura da sociedade as raízes e as causas para as nossas paixões. Essa corrente tem como farol norteador a premissa de que as emoções são configuradas e moldadas em função das instâncias macrosociais e seus respectivos movimentos de afirmação que abarcam os indivíduos. Partindo desse olhar, muitos teóricos partidários da abordagem estruturalista ancoram suas reflexões no pensamento autores clássicos, cujas obras timonearam o nascimento e a trajetória das ciências sociais.

O pensador francês Durkheim, cuja obra talvez seja a mais importante na história da sociologia como ciência (certamente é do ponto de vista institucional), interessou-se de forma atenta pelo tema das emoções em sua reflexão. Para o autor, a ação, os ideais e desejos do indivíduo (incluindo nessa rubrica as emoções) são balizados por uma lógica social que impinge os membros dessa sociedade a certas tendências de agir, pensar e sentir. Nesse sentido, o pensamento durkheimiano transfere as emoções da esfera do psicológico ou fisiológico para o campo da coletividade integrada, no berço da intersubjetividade (KOURY, 2009). Um exemplo do método durkheimiano de abordagem das emoções deflagra-se em seu memorável trabalho: *O suicídio* (2000). Nessa obra, o sociólogo francês se debruça sobre aquela que poderia ser considerada uma das mais íntimas e subjetivas ações humanas: o deliberar sobre o cessar da própria existência. No entanto, conforme evidenciado nesse texto, tal decisão, aparentemente de foro tão particular, é sistematicamente motivada e balizada por um plexo de instâncias, posições e símbolos sociais – que, apesar de não determinarem de forma fatalista o suicídio, erigem condições e situações que o tornam uma tendência social mais ou menos materializável.

Outro pensamento considerado uma das pedras fundamentais da sociologia e do estruturalismo encontra-se na obra de Marx. Conforme aponta Lupton (1998), o próprio Marx dedicou algumas linhas para sublinhar o papel de emoções como a amargura, o ressentimento e o desespero na perenização da alienação e da exploração da classe proletária. Apesar da riqueza da teoria marxiana, o interesse central de análise do seu projeto teórico o distanciou de uma reflexão mais detalhada acerca do tema dos afetos. No entanto, sua relevância na constituição da psicologia soviética e da obra de outros autores partidários da tradição marxista é notória. Um exemplo da influência de Marx na construção de uma reflexão sobre as emoções pode ser observado na obra de Eric Fromm. O excerto abaixo é representativo desse aporte:

Se as condições econômicas e sociais fazem da escravidão e da servidão necessidades, a classe escrava adquirirá certas características. Sua maioria se tornará submissa e uma minoria se torna rebelde. Os submissos podem ser úteis para o trabalho a eles atribuídos por seus mestres. Eles podem até amar os seus mestres e sua submissão impedirá o desenvolvimento da responsabilidade, da liberdade, do amor, da independência e do pensamento produtivo; em outras palavras, eles se manterão homens incapacitados no sentido que a condição de submissão possui o efeito colateral da imbecilização e do aleijamento emocional e intelectual³. (FROMM, 1969: 130)

Na tradição das ciências sociais brasileiras, a emoção ganhou contornos de protagonismo, especialmente, em teorias que visavam a investigar as raízes culturais do nosso país. Nesse sentido, a teoria do homem cordial, desenvolvida por Sérgio Buarque de Holanda (2006) e as reflexões de Freyre (2005) acerca das relações sociais que balizaram o processo de colonização e o prólogo da civilização brasileira representam marcos exponenciais do estudo das emoções nas ciências sociais nacionais. Décadas adiante, DaMatta (2000) apoiou-se sobre uma suposta natureza emotiva do brasileiro para cunhar suas categorias de constituição do público e do privado na cultura brasileira (KOURY, 2009). Inúmeras outras investigações acerca das emoções no contexto sociocultural brasileiro compõem a literatura das ciências sociais brasileiras (KOURY, 2004; VELHO, 2003).

No campo da psicologia construcionista social, um tema recorrentemente estudado reside na relação entre determinadas emoções e a manutenção (ou questionamento) de uma dada ordem social (LUPTON, 1998). Certas configurações e entendimentos acerca de diversas emoções parecem desempenhar um papel importante na legitimação subjetiva de certas relações de poder na arena social. Como aponta Badinter (1985), o amor materno, enquanto construção da sociedade moderna, atribui ao feminino um lugar doméstico e bucólico enquanto legitima o distanciamento do lado paterno de maiores envolvimento afetivos com sua prole. Na mesma corrente, Scheff (1990) afirma que o sentimento de vergonha está alicerçado no constante autopolicimento do comportamento e da imagem de cada indivíduo dentro de uma dada instância social, delineando com traços mais fortes o posicionamento de cada sujeito dentre de um determinado espaço de convívio e coletividade.

3 If the economic and social conditions make slavery or serfdom a necessity, the slave class will acquire certain characteristics. Most of them will become submissive and a minority will become rebellious. The submissive ones may be useful for the work assigned to them by their masters. They may even love their masters but their submissiveness will stand in the way of the development of independence, freedom, love, responsibility, and productive thinking; in other words, they remain crippled men in the sense that the condition of submissiveness has the side effect of stultification and emotional and intellectual crippledness.

As visões socioconstrucionistas explicitadas nos parágrafos anteriores foram entabuladas por um conjunto de autores, afiliados ao campo da psicologia, com o afã de compor um esquema teórico capaz de conferir inteligibilidade ao fenômeno das emoções. Dentre tais pensadores, dois se destacam, tanto pela proficiência de sua obra quanto pela profundidade de suas investigações. Estes são: Rom Harré e James Averill. A visão de Harré acerca das emoções articula alguns aspectos da teoria da avaliação (ARNOLD, 1960), em especial, o interesse pelo papel desempenhado pelos julgamentos cognitivos na construção dos afetos; e uma preocupação com a ação discursiva e performativa preconizada por essa emoção. Segundo o autor, “um sentimento emocional, e sua demonstração correlata, deve ser entendido como um fenômeno discursivo, uma expressão de um julgamento e uma performance de um ato social” (HARRÉ; GILLET, 1994: 147).

Ancorado nessa definição, Harré (1994) propõe um método para o estudo das emoções denominada de Emocionologia⁴ (STEARNS; STEARNS, 1988). Essa abordagem distancia-se do desejo permanente da psicologia cognitiva de encontrar as bases abstratas das emoções, redirecionando o olhar investigativo para a percepção dos sujeitos emocionados. No entanto, essa percepção não é entendida como um processo cognitivo eventualmente externalizado pela linguagem, mas sim como um estado corporal e cognitivo performatizado e construído, em um movimento dialético e não-coordenado, em instâncias comportamentais e discursivas. Nesse sentido, a emocionologia amplia seu escopo, olhando para os processos socioculturais que abarcam o indivíduo, como as condições materiais de produção dos discursos, as relações de poder que impingem tais situações e os mecanismos pragmáticos utilizados pelo falante visando a atingir certos objetivos interacionais.

Outra visão de grande influência na teoria construcionista social das emoções é apresentada por Averill (1980, 1982). Laconicamente, Averill (1980: 320) define as emoções como “uma síndrome socialmente constituída”, englobando um mosaico de eventos psicológicos. Dentre eles, destaca-se a avaliação subjetiva da situação, que direciona o indivíduo a uma interpretação das emoções como paixões, não como ações (AVERILL, 1980). É necessário ressaltar que, ao se referir às emoções como paixões, o autor não almeja ressuscitar a visão cartesiano-kantiana das paixões, mas sim iluminar o caráter impulsivo dos afetos humanos, que mesmo germinados no seio da cognição, percorrem caminhos não mapeados pela nossa consciência.

Um aspecto central na teoria das emoções de Averill é a sua relação com a ideia de síndrome. Segundo o autor (1982: 7), “uma síndrome é um conjunto de respostas que (co-) variam de forma sistemática.” Dessa forma, nenhuma resposta observável em determinado estado emocional é inerentemente indispensável em sua unidade, porém tem seu papel desempenhado como um elemento na trama de inter-relações constitutivas dessa emoção. Esse posicionamento defendido

4 Tradução livre do termo original emotionology.

pelo autor permite que sua teoria incorpore diferentes visões acerca das emoções, porém sem idealizá-las como uma escala hierárquica, mas como um sistema coordenado e interdependente. Portanto, no seio dessa perspectiva, uma emoção não poderia ser reduzida isoladamente às alterações fisiológicas que acometem o indivíduo, à avaliação situacional por ele perpetrada, à articulação neuronal que coordena suas respostas internas, à performance socialmente construída, às pulsões e pensamentos reprimidos que emergem à consciência através desse afeto ou ao padrão de comportamentos pelo indivíduo apresentados. São, justamente, os movimentos de articulação e as instâncias inter-relacionais dessa orquestra (nem sempre bem ensaiada ou completa) que constroem o que, na derme da abstração conceitual e da prática discursiva, se entenderá por aquela emoção.

Apresentada a rede teórica que, apesar de não-exaustiva, nos expõe um quadro representativo do pensamento construcionista social a respeito das emoções, na seção posterior deste artigo, dedico-me brevemente a trazer algumas das críticas direcionadas à tal visão.

4. OS LIMITES E PROBLEMAS DA TEORIA DAS EMOÇÕES SOCIOCONSTRUCIONISTA

Apesar as inúmeras virtudes da teoria construcionista social, especialmente, no que tange ao seu esforço em transcender o caráter universalista-essencialista das teorias das emoções tradicionais, algumas críticas são recorrentemente formuladas contra essa visão. Dentre elas, uma das de maior solidez reside na pouca atenção - e, em alguns casos, deliberada aversão - ao papel do sujeito (enquanto indivíduo agente) e de suas ações e deliberações volitivas na construção das emoções. Essa crítica reconfigura em outros termos uma crítica clássica da sociologia weberiana (WEBER, 2005) contra algumas abordagens das ciências sociais que, ao buscar entender as estruturas macrossociais, relegava ao ocaso o papel do indivíduo, representado, de certa forma, mais como um animal em manada do que como um sujeito deliberante.

Outra crítica que merece repercussão acerca do construcionismo social e sua visão acerca das emoções é o seu esquecimento e apagamento acerca do papel desempenhado pelos componentes biológicos e materiais na composição do nosso comportamento afetivo. Se, por um lado, parece pouco contestável que a subjetividade e a forma como o indivíduo reconstrói em palavras suas vivências desempenha um papel importante na caracterização das emoções; por outro, causa estranhamento pensar que o sujeito possa fazê-lo fora de um quadro fisiológico e material que o interpele. Por exemplo, a maneira como um determinado indivíduo reconstitui em discurso sua experiência de fúria pode variar conforme uma infinidade de fatores os mais diversos. Porém, alguns elementos fisiológicos comuns tenderão a estar presentes em qualquer

momento de manifestação de fúria: o aumento da pressão arterial, dilatação da pupila, atividade adrenal acelerada, etc. O papel de tais variáveis, no seio da literatura construcionista social, se torna olvidado, dando-nos a impressão de que a construção social propalada por tal corrente de pensamento se dá em uma espécie de quadro em branco fisiológico-corporal, em que a subjetividade de cada pessoa dispõe de poderes demiúrgicos absolutos.

Explicitadas algumas das críticas dirigidas aos modelos teóricos de emoção propalados pelos construcionistas sociais, na seção seguinte, dedico-me a expor algumas considerações finais, que fazem um balanço geral do trabalho de pesquisa registrado neste artigo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo principal realizar a apresentação e a discussão acerca das distintas concepções de emoção defendidas pelo movimento construcionista social, explicitando seus pontos de contato e suas críticas. Assim, foram introduzidos os princípios constitutivos do pensamento filosófico socioconstrucionista, a saber, seu entendimento acerca da natureza coletiva e social dos processos psicológicos e sua defesa da sociedade e da cultura como fontes originárias de tais processos. Adiante, foi colocado em destaque um mosaico de modelos teóricos, todos, *mutatis mutandis*, assentados nos preceitos constitutivos da visão de mundo construcionista social. Por fim, foram sublinhadas algumas críticas direcionadas tanto às ideias de emoção defendidas pelos autores afiliados à linha de pensamento em tela quanto aos balizamentos fundacionais que as sustentam.

A partir da referida discussão, é possível testemunhar a diversidade de visões inscritas dentro do arcabouço do construcionismo social. Desde teorizações que se ancoram no terreno do estudo histórico até a sociologia; de conceituações que olham para a mente humana através da lente de seu poder demiúrgico até investigações de natureza crítica. Inúmeros são os ângulos a partir dos quais se vislumbra a esfinge das emoções. Porém, em meio a toda essa pluralidade, há uma constante: a centralidade do elemento social na constituição do fenômeno afetivo. Este, em vez de um produto íntimo da biologia humana, emerge como uma construção feita pelo condão do indivíduo de se posicionar no mundo e pela força do mundo de influir em seu posicionamento.

Em um contexto histórico e cultural em que as emoções se tornam, cada vez mais, objetos de interesse da literatura científica de vários espaços de saber, revisões que busquem compor sínteses panorâmicas de escolas de pensamento que se debruçam sobre o tema se tornam valiosas. A partir desse tipo de trabalho de condensação e compressão, vastos arcabouços teóricos se tornam viabilizados para um grupo maior de pessoas eventualmente interessadas. Esse material se torna, portanto, um suplemento importante para o desenvolvimento de pesquisas

que anseiem olhar para o objeto dos afetos a partir de pontos de mirada os mais variados, dentre eles, o do construcionismo social.

REFERÊNCIAS

- ARNOLD, M. B. Emotion and personality. Vol. I: *Psychological aspects*; Vol. II: *Neurological and physiological aspects*. New York: Columbia University Press, 1960.
- AVERILL, J.R. A constructivist view of emotion. In: R. Plutchik & H. Kellerman (Eds.), *Emotion: Theory, research, and experience*. New York: Academic Press, 1980. p. 305 – 339.
- AVERILL, J. R. *Anger and aggression: An essay on emotion*. New York: Springer-Verlag, 1982.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BELLI, S. La construcción de una emoción y su relación con el lenguaje: Revisión y discusión de una área importante en las Ciencias Sociales. *Theoria*. v. 18, p. 15, 2009.
- DAMATTA, R. *A casa & a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2000.
- DURKHEIM, E. *O Suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREYRE, G. *Casa-Grande & Senzala* - 50ª edição. Global Editora, 2005.
- FROMM, E. *Escape from Freedom*. New York: Avon, 1969.
- HARRÉ, R. *The Singular Self*. London. Thousand Oaks. New Delhi: Sage Publications, 1998.
- HARRÉ, R. & GILLET, G. *The discursive mind*. London: Sage Publications, 1994.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras, Edição comemorativa 70 anos. 2006.
- KOURY, M. G. P. *Introdução à sociologia da emoção*. João Pessoa: Manufatura, 2004.

- KOURY, M. G. P. *Emoções, cultura e sociedade*. Curitiba: RCV, 2009.
- LUPTON, D. *The Emotional Self: A Sociocultural Exploration*. London: Sage Publications, 1998.
- LUTZ, C. *Unnatural emotion*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- PAVLENKO, A. The affective turn in SLA: From 'Affective factors' to "Language Desire" and 'Commodification of Affect'. In: BIELSKA, J.; GABRYS-BARKER, D. (Eds). *The Affective Dimension in Second Language Acquisition*. Salisbury, 2013. pp. 5-61.
- REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- SCHEFF, T. J. *Microsociology: Discourse, emotion, and social structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- SKINNER, B. F. *Ciência e Comportamento Humano*. Brasília: Ed. UnB/ FUNBEC, 1953.
- SOLOMON, R.C. Emotions, Thoughts, and Feelings: What is a Cognitive Theory of the Emotions and Does It Neglect Affectivity? – In: HATIMOYSIS, A. (Ed.) *Royal Institute of Philosophy Supplement*. Cambridge University Press, 2003. p. 1-18.
- STEARNS, P.N. Emotions. In: HARRÉ, R.; STEARNS, P.N. (Eds.). *Discursive Psychology in Practice*. London: Sage Publications, 1995.
- STEARNS, C.Z.; STEARNS, P.N. (Eds.). *Emotions and social change: Towards a new psychohistory*. New York: Holmes & Meier, 1988.
- VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WEBER, M. Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis, UFSC. Vol II, n. 1, 2005. p. 13-21.
- WETHERELL, M. Positioning and interpretative repertoires: Conversation analysis and post-structuralism in dialogue. *Discourse and Society*, 9(3), 1998. p. 387-412.

AFFECTIVITY AS SOCIAL CONSTRUCTION: THE THEORY OF EMOTIONS IN THE PHILOSOPHICAL FRAMEWORK OF SOCIAL CONSTRUCTIONISM

ABSTRACT: This work has a key objective: to present the emotion conceptions proposed in the bosom of the philosophical and theoretical current of social constructionism. This school of thought gained evidence throughout the Twentieth Century, in the dialogue between two other theoretical tendencies: the discursive turn, based on the works of Wittgenstein, and the Post-Modernism, that rises against Modernity's essentialism and objectivism. Two are the main ideas of this theoretical line: the understanding regarding the collective and socialized character of our psychological processes and the perception that the development of human mind occurs in the contact with other human beings in an established cultural space, not in a merely biological manner. With the aim of systematizing this review, firstly, a brief discussion about the pillars of social constructionism is sketched. After that, the hegemonic theoretical conception regarding the emotions proposed by this movement is presented, highlighting on of the strains of thought in this school, denominated the strong thesis of social constructionism. In a following moment, some of the critiques steered towards those ideas are brought forward, revealing some of the social constructionism's problems and limitations. Finally, some reflections about the research organized in this article are coined in its final section.

KEYWORDS: Theory of emotions. Affectivity. Social constructionism.

LA AFECTIVIDAD COMO CONSTRUCCIÓN SOCIAL: LA TEORÍA DE LAS EMOCIONES EN EL MARCO FILOSÓFICO DEL SOCIOCONSTRUCCIONISMO

RESUMEN: El presente trabajo tiene un objetivo central: plantear las concepciones de emoción defendidas dentro de la corriente filosófica y teórica del socioconstruccionismo. Esta escuela de pensamiento cobró visibilidad a lo largo del siglo XX, a partir del encuentro y diálogo con dos otras corrientes: la virada discursiva defendida por las obras de Wittgenstein y la concepción de mundo de la Pos-Modernidad, insurgente contra el esencialismo y objetivismo de la Modernidad. Dos son las ideas básicas de esta línea teórica: la comprensión sobre el carácter colectivo y socializado de nuestros procesos psicológicos y la percepción de que el desarrollo de la mente humana no ocurre de forma puramente biológica, sino a través del contacto con otros seres humanos en medio de un espacio cultural establecido. Para iniciar esta revisión, en primer lugar, traigo una breve discusión sobre los pilares filosóficos y conceptuales del pensamiento socioconstruccionista. A continuación, presento la concepción teórica hegemónica sobre las emociones en el marco teórico del dicho movimiento, iluminando una corriente de pensamiento dentro de la escuela socioconstruccionista denominada de tesis del construccionismo social. En un momento posterior, presento algunas de las

A afetividade como construção social:
a teoria das emoções no arcabouço filosófico do socioconstrucionismo

críticas dirigidas al modelo socioconstruccionista de las emociones, explicando sus limitaciones y problemas. Finalmente, elaboro algunas reflexiones, organizadas como consideraciones finales, sobre la investigación registrada en este artículo.

PALABRASCLAVE: Teoría de las emociones. Afectividad; Socioconstruccionismo.